

## A Melhor Cartada

Estava uma coisa insípida aquele dia. Uma hora da tarde. Muito mormaço. Nem uma gargalhada. Triste realmente.

Os hóspedes que jejuavam alegravam-se agora no seu jantar, servindo-se grandes pratos de peixe, hortaliças, camarões, frutos, vinhos, requeijão e bolos; com tanto que os outros, almoçados por cerca das doze, tinham era tédio por aquela petisqueira. Na rua não havia o que fazer, e pior em casa. A leitura nem para todos era divertimento, e acabava por cansar miseravelmente a um sujeito farto.

O Pedro Antônio ardia por um joguinho, mas esparava que outro lembrasse. Sousa Pinheiro, com a cabeça elevada sobre o coxim de lã, estirava-se ao longo do sofá, a ler *Folies Amoureuses*. E todos estavam com a cara contrafeita de quem recebe uma visita enfadonha. Correia e José Teles ofereciam o raro espetáculo de entreter-se apuradamente ao lado de suas consortes: um casal namorando-se em cadeiras de balanço, fronteiras; e o outro, aplicadíssimo em uma partida de dominó.

A pequena palmeira colocada em um jarro na sacada, nem dava sinal de vento.

A sala de bilhar, contígua, era um quartel sem tropa. Os bilhares encobertos por grandes panos de riscado, e os tacos descansando nos cabides.

A do botequim, muito boa para rir e fumar, tinha de vivo os quadros suspensos na parede, — bonancheiras pinturas, frades lambões de figura roliça no aconchego das pipas, empunhando copos ditirâmbicos, num riso e recato edênicos. Em moldura tosca, num claro, surdia o meio corpo de um mari-

nheiro, em camisa de bordo, com o chapéu cambaleado para a nuca e feições crispadas por um choro pândego.

O Pedro Antônio distraía passeando por aí, de mãos para trás, com maneiras de quem visita um museu.

Uns ruídos sucessivos e ascendentes chamaram-lhe a atenção para a escada, em cujo patamar assomava o vulto amarelo e inchado do capitão Dionísio.

— Vamos jogar — disse este, quebrando para o salão.

Pedro Antônio queria era isso. É o que o divertia. Ter o prazerzinho de *chorar* uma carta e ver o cobre cirandar de mão em mão. Sentir a forte impressão do prejuízo ou do lucro. O dinheiro no jogo é que ostentava toda a fartura, e vagava como um alimento.

— Chama lá uns parceiros.

E pedia ao moço d'hotel uns baralhos. A mesa estava a um canto. Era oitavada, com uma gavetinha em cada face forrada com pano verde.

Mau grado a insipidez do dia, ninguém aceitou jogar. Como? — dizia um — eu não jogo em sexta-feira maior! Temos o ano inteiro para pecar. E daí, se fizeram esquerdos. Este por praxe, aquele por delicadeza, aquele por fé.

Mas, ninguém morre à falta de outro. Apareceram logo dois, um protestante que por acinte à religião estipendiada (4) faria até milagres, e um tipo insulso, desses que não têm mel nem fel. Jogariam até não sei que horas, se não fora a morte de um dos jogadores.

Foi o caso assim:

Pelas sete da noite sentiu-se na rua um alvoroço, um sussurro, e as janelas iluminavam-se. Os hóspedes do hotel vieram para as sacadas.

Era a procissão do Senhor Morto. Havia um morno luar incinerando o ambiente. Ao longe avistou-se como uma brasa vermelha muito em baixo, e mais outra, e mais outra. Ouviram-se as pancadas secas da matraca. As brasas multiplicavam-

se em número e intensidade, e enfileiravam-se umas por trás das outras formando um corpo comprido, para cada cordão de casaria. Eram duas serpentes de elos de fogo esses grandes bagos de luz amarela e coada. Os focos tinham movimento oscilatório, manquejando e avançando imperceptivelmente, com a mansidão de um enterro. Mais para longe, como pulsações de um coração gigante, palpitava o compasso do bombo, no funeral, como subindo de um subterrâneo.

As vozes do cantochão vinham um pouco para cá, e soavam monotonamente parvas. Um clarão amortecido e alto acompanhava o extenso préstito, esbatendo na frente das casas. Apareciam coloramentos de encarnado e de roxo, das opas, por baixo, entre o povo que se movia como sombras. A rua estava cheia, de lado a lado. E no meio alongava-se um vácuo entre confrarias. Adiante, via-se constantemente a massa de espectadores ir abaixando-se para ajoelhar. A matraca estralejava seca e constantemente, e, de espaço, a voz aguda e terna de uma criança partia não sei de onde, como seta, modulando: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte se est dolor sicut dolor meus.*

Passava no alto, suspenso, um vulto de mulher, em transe de agonia, conduzida em andor. Via-se-lhe as dobras do vestido roxo, e lantejoulas douradas.

Depois, debaixo de um pálio de sedas macias, estirava-se em cadáver o retrato de Jesus, nu, velado por um crepe de luto. Era levado por homens embuçados.

Depois, vinha o clero, reconhecível pela alvura da sobrepeliz. E o bispo, com a cabeça coberta. E, enfim, a massa bruta do povo, como a tona de um líquido onde pululam cabeças a perder de vista.

O funeral dominava agora tudo.

Um som de flauta aguçava um grito infinito e doloroso, pairando por cima como a voz de um serafim, daqueles que aparecem nas nuvens sagradas. Uns sons de metal soaram refreados, barbaria humana. E gemiam grossamente os baixos.

O cortejo mergulhava cada vez mais no silêncio. Os cordões de luzes que oscilavam como fogos fátuos iam outra vez parecendo-se com brasas vermelhas. Pelo meio pompeavam os lampiões das cruzes...

Porém, os quatro jogadores, tão entretidos que estavam, não se deram à curiosidade de ir lá. E a mulher do capitão Dionísio, que desde quarta-feira de treva não o vira, entrou açuladamente pelo hotel adentro atirando-lhe excomunhões:

— Desgraçado! Qu'é da tua mulher e dos teus filhos?!...

O capitão só atentava para o que estava fazendo. Ia puxar a melhor cartada de sua vida.

— Que jogo esplêndido! — berrou ele, com alegria diabólica...

E bateu na mesa com a mão cerrada. A carta saltou lá. Era o coringa. E ele embiocou de bruços como se o tivessem quebrado pelo meio. Os parceiros recuaram horrorizados, vendo aquele homem cair de repente para diante.

E o Teles, que voltava da varanda, namorando sua esposa, correu para o grupo. Apalpou com a esquerda o coração do Dionísio e com a destra consultou o pulso, e concluiu com a frieza de perito:

— Não há dúvida. Bateu o trinta e um!

(*A Quinzena*, Ano I, n.º 7, 15 de abril de 1887.)